

As ressonâncias da violência sexual incestuosa na constituição do corpo.

Anamaria S. Neves¹, Giovanna P. Menezes², Andressa M. Ferreira³

1. Prof.^a Dr.^a e pesquisadora do Instituto de Psicologia UFU, Uberlândia MG.

2. Pesquisadora do Instituto de Psicologia UFU, Uberlândia, MG.

3. Pesquisadora do Instituto de Psicologia UFU, Uberlândia, MG.

Palavras Chave: Corpo, Psicanálise Violência Sexual.

Introdução

Segundo a Psicanálise, a violência sexual intrafamiliar pode ser ressaltada enquanto um jogo complexo, que envolvendo um relacionamento desigual entre agressor e vítima abrange um modo peculiar de significação de cada um dos envolvidos na dinâmica familiar. Nesta perspectiva, a vítima, enquanto criança ou adolescente ostenta uma condição submissa, sendo inábil para compreender a natureza real desta relação dentro da conjuntura de tantas outras que sustenta o vínculo com seus cuidadores (PENSO; COSTA; ALMEIDA; RIBEIRO, 2009). Considerando a sexualidade adulta uma extensão da sexualidade infantil, o segredo preservado através da vivência de uma violência sexual pode retornar ao consciente de forma distorcida e disfarçada por meio de um representante, o sintoma, expressado através do corpo (CHAGAS; MORETTO, 2012), logo o presente trabalho buscou compreender as consequências da violência sexual a uma futura constituição e percepção do corpo.

Resultados e Discussão

O projeto se embasou em um estudo de caso advindo de entrevistas abertas feitas com Márcia, nome fictício da co-constutora desse projeto, a entrevistada com a qual tivemos três encontros. Utilizou-se da entrevista individual aberta, pois esta permite explorar profundamente a forma subjetiva de como o entrevistado assimila o mundo. Para a realização das entrevistas, as pesquisadoras se apoiaram no método psicanalítico através da possibilidade de uma relação transferencial e uma análise interpretativa que gera um movimento de desesquecimento, ou seja, insurgência, em um contexto analítico, dos traumas vividos (HERRMANN, 2011). No primeiro encontro foi feita uma entrevista, que após ser transcrevida, retornou para as mãos da entrevistada num segundo encontro, momento no qual ela pôde se apropriar da história que nos contou e realizar anotações, rabiscos, desenhos. No terceiro encontro, houve a discussão desse material, onde ela pôde nos contar dos sentimentos e insights que obteve ao ler aquilo que havia nos relatado, gerando um efeito organizador dos afetos vivenciados durante esse processo de entrevistas. O material recolhido foi considerado rico em explicitar as elucubrações teóricas nas quais nos apoiamos para a formulação do projeto.

Durante a análise interpretativa do material, destacaram-se três temas centrais: como se dá “A montagem do corpo” de Márcia, como este através de sua história se constituiu enquanto “Um corpo para um outro”, o processo de “Silenciamento” e o “Tempo do corpo”.

Um dos maiores desafios nas histórias daqueles que vivenciaram a violência sexual incestuosa e um ponto recorrentemente retratado nas falas de Márcia, é que esta nem sempre é identificável de forma clara pela vítima que inerte, assujeitada, sofre, mas tem dificuldade de encontrar auxílio. Esse assujeitamento coloca o sujeito em uma condição de objeto de gozo do outro, e Márcia pôde identificar isso através da elaboração psíquica em terapia.

Conclusões

Este caso é valioso para concluir como que o corpo escapa da dimensão puramente física para expressar os conflitos e traumas psíquicos. O corpo de Márcia grita sobre a violência sexual vivenciada antes mesmo que esta viesse à consciência. A partir desta discussão, se faz necessário um estudo aprofundado acerca das consequências da violência sexual a uma futura constituição e percepção do corpo, pois como bem coloca Birman (2003), uma parcela significativa da comunidade analítica tem esquecido de que a subjetividade sofre com um corpo e que é exatamente neste corpo que a dor se enraíza e, neste sentido, se constitui um corpo sujeito propriamente dito. Desta forma, atribuir ao corpo e ao afeto um espaço crucial na leitura da subjetividade é também ponderar que a prática psicanalítica não é tão-somente uma escuta do psiquismo, mas também uma modalidade de ação.

Referências

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAGAS, Luciana Ferreira; MORETTO, Maria Livia Tourinho. **A boca fala: violência sexual, segredo e Psicanálise**. In: V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental DIETÉTICA, CORPO, PATHOS, 2012, Fortaleza. Anais do V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental DIETÉTICA, CORPO, PATHOS, 2012.

HERRMANN, Fabio Antônio. **Andaimes do real: livro primeiro, o método da psicanálise** (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1991

PENSO, Maria A.; COSTA Liana F.; ALMEIDA Tânia M. C.; RIBEIRO Maria A. **Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares**. Universidade Católica de Brasília, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942009000200012&script=sci_arttext. Acesso em 02 de nov. 2013.